

## *Os projetos experimentais e os novos rumos para o Jornalismo*

Criar. Talvez este verbo passe agora a ser utilizado mais comumente pelos futuros jornalistas. As cabeças voltadas para o jornalismo tradicional em seu modo de ser, não terão mais guarida nos cursos de comunicação social. É preciso liberar. É preciso colocar a Universidade, seja ela oficial ou particular, no devido lugar, ou seja, num verdadeiro campo de pesquisas, experimentos e desenvolvimento. Não podemos ficar no acadêmico jornalista formado — e com muitas deficiências — para ser apenas um “repórter/entrevistador/redator”. É preciso ir mais fundo. É preciso fazer com que estes estudantes tenham uma visão global do jornalismo, seja ele impresso, televisado ou radiofônico. Só a partir desta abrangência, do domínio completo do universo jornalístico em toda sua magnitude e da liberdade criativa é que poderemos garantir gerações de jornalistas mais aptos a vivenciarem a realidade profissional.

O monopólio da informação pelos grandes veículos de comunicação tem colaborado em muito para o afastamento dos estudantes desta realidade. O pensamento de que apenas o grande ou o poderoso é o melhor vetor da expressão profissional precisa ser banido da cabeça do estudante. Não se pode conceber que formandos em jornalismo ainda continuem sonhando apenas com a grande redação do jornal de maior circulação no País ou com o brilho do vídeo padrão global. Por aí, com certeza, o caminho será, além de mais longo, muito mais penoso. Não estamos querendo com isso, em hipótese alguma, menosprezar a importância destes veículos, mas sim, alertar para a importância maior das formas de comunicação alternativa, senão desconhecidas, pelo menos claramente abandonadas pelo alunado.

É claro que se pode contra-argumentar colocando o corpo docente das escolas como responsável por este desconhecimento. Por lógica até seria. Acontece, porém, que antes a estrutura era estática. Não que já esteja cem por cento, pois não está. Porém, agora, nos é possível deixar o aluno mais próximo da realidade. Nos é possível liberá-los em seu poderio criativo, antes tolhido, na relação professor/aluno, mas por força de um currículo altamente inadequado. Resta-nos, portanto, permitir e colaborar para que os projetos experimentais tenham o desenvolvimento pensado e pretendido quando da inclusão deles no curso. Por outro lado, resta às escolas propiciar condições — todas as contidas na Resolução 002/84 — MEC — para que os projetos, após criados, possam ser desenvolvidos.

Se as partes assim conviverem, com certeza tiraremos bons frutos dos projetos experimentais em jornalismo, caso contrário, a iniciativa tenderá ao fracasso, como fracassaram outras, tipo estágio supervisionado etc. Das escolas, portanto, espera-se, no mínimo, o cumprimento do que determina o MEC. Dos professores, as orientações peculiares para que o projeto não se torne inviável antes do tempo. E dos estudantes, que eles não tenham apenas o sonho das grandes redações ou do vídeo; mas que busquem novos rumos para sua formação profissional. Rumos estes que possam levar a comunicação e o jornalismo ao campo, aos sindicatos, às escolas de primeiro e segundo grau, igrejas, clubes, empresas, às comunidades em geral, enfim, seja através de jornal impresso em off-set, vídeo, ou através do rádio — autêntico meio de comunicação de massa;

de jornais murais — simples, mas de eficácia nunca questionada; ou, até mesmo, de jornais/boletins impressos em mimeógrafo a álcool — ainda por muitos utilizados com ótimos resultados.

É aí que vejo o problema maior a ser enfrentado por todos aqueles que estejam envolvidos nos projetos experimentais do último semestre dos cursos de Comunicação Social/Jornalismo. É claro e inquestionável que os estudantes precisam e devem contar com estrutura capaz e adequada para o desenvolvimento até do mais sofisticado e caro projeto. Mas, por outro lado, é claro também que eles precisam e devem estar cientes e conscientes de que a realidade não é uma via de mão única. Muito pelo contrário, ela permite tráfego em todos os sentidos, desde que os objetivos a serem atingidos estejam bem fundamentados. Como podemos perceber existem “projetos” e projetos.

A experiência durante o segundo semestre de 1984, na PUCCAMP, o primeiro de aplicação dos projetos experimentais, apesar dos problemas enfrentados por toda comunidade acadêmica, foi de grande valia. Através dos projetos apresentados em jornalismo impresso — área onde atuei como supervisor — foi possível detectar uma dificuldade (mpar por parte do alunado em lidar com o real e até certo ponto inusitado. A formação imposta até aqui aos estudantes de Jornalismo, vinha sendo no sentido de prepará-los, apenas, repetimos, para atuar como “repórter/entrevistador/redator”. Diante disto, quando eles se defrontam com uma realidade que não a do giz e quadro negro ou de poucos trabalhos em redações modelo nem sempre devidamente equipadas, em um estúdio de TV sempre burocratizado ou de rádio, sem manutenção alguma, se vêm tolhidos novamente e, agora, não pelo professor ou pela estrutura estática, mas pelo despreparo em vivenciar uma realidade muito diferente daquela que conheceu até então.

Como exemplo ilustrativo, podemos colocar aqui a forte resistência por

parte dos alunos do último semestre de Jornalismo da PUCCAMP em desenvolver apenas projetos dotados de certo status. Nenhuma das equipes formadas nos dois períodos do Curso ousou buscar formas alternativas de comunicação, principalmente diante do obstáculo representado pela verba. Para os alunos pareceu muito mais importante a forma do que o conteúdo. O jornal não podia ser impresso de outra forma que não em off-set. Apenas uma ou duas equipes decidiram desenvolver projetos radiofônicos, enquanto que a televisão atraía para si o maior número de equipes. Apesar do desenvolvimento dos projetos ter atingido um nível que podemos considerar de satisfatório a bom, por outro lado, a criatividade deles deixou muito a desejar.

Implantação de jornal num clube social de Jundiaí; implantação de jornal numa das Faculdades da PUCCAMP; e um projeto de reestruturação da forma e conteúdo de um jornal de empresa foram as idéias das equipes que atuaram na área de jornalismo impresso. ( Para efeito de informação, o Departamento de Jornalismo da PUCCAMP decidiu dividir os projetos experimentais em duas áreas distintas: impressos e audiovisuais — rádio e TV ). Os dois primeiros jornais executados como projeto, foram custeados por verba publicitária. Já o terceiro teve seu custo de produção coberto pela própria empresa que serviu de campo ao projeto experimental da equipe. Portanto, nos casos citados, prevaleceu o convencional, mesmo com o problema complexo da venda de publicidade por aluno de jornalismo. Nas discussões preliminares sobre projetos experimentais em sala de aula, houve estudante colocando, entre outras coisas, “que não existe satisfação profissional em se fazer um jornal mimeografado”. E nem mesmo a argumentação de que o importante era atingir os objetivos serviu para alterar a resistente posição tomada.

Antes mesmo da satisfação e responsabilidade em produzir profissionalmente um veículo de comunicação, os estudantes deixaram claro, muito mais, que antes de tudo, necessitavam cumprir

com a obrigação acadêmica em busca da nota ou da aprovação, num último momento do curso. Nem mesmo aqueles questionadores da razão da existência de notas em curso superior fugiram à regra. Nada mais fizeram senão cumprir com a obrigação da forma mais simples possível. Em nenhum momento parece ter-lhes passado pela cabeça a importância do projeto enquanto checagem dos conhecimentos ou como a última prova para que eles mesmos se julgassem quanto à capacidade antes de suas entradas no mercado profissional.

Deixando um pouco de lado a análise e partindo para colocações de ordem mais prática, podemos lembrar aqui a importância do jornal de parede, definido por Ricardo Cardet como "o único jornal escrito onde se pode publicar e ler uma notícia no minuto que ela foi obtida e o único jornal que nunca fecha sua próxima edição". Seu custo é praticamente nulo e, no entanto, quase nunca lembrado pelos estudantes de jornalismo como veículo de comunicação. Sua eficácia é incontestável, mas nem por isso capaz de entusiasmar os futuros jornalistas mais integrados ao consumerismo do off-set e do vídeo. Por que não desenvolver, por exemplo, projetos de jornais de parede ou jornais murais instalados em praças públicas, terminais de transporte coletivo ou qualquer outro local onde possa haver concentração de pessoas em grande número? É preciso que o jornalista se encontre com a realidade e saiba combater o problema da verba com criatividade. Temos a missão de fazer chegar a informação e não podemos deixar de cumprí-la por falta de recursos.

Os boletins mimeografados ou xerocopiados, de custo reduzidíssimo, podem perfeitamente servir de veículo de comunicação base para projetos experimentais em comunidades carentes ou menos numerosas. Igrejas, clubes, escolas, favelas e várias outras comunidades podem ser servidas deste tipo de informativo. E, se existe a argumentação de que o produto final não é de qualidade profissional, resta contra-argumentar no sentido de que a imaginação e a criatividade

podem fazer muito para minimizar o "problema". Podemos, se quisermos, obter resultados bastante significativos utilizando estes sistemas de impressão, além de, muitas vezes, adequar melhor o projeto ao seu estudo de viabilidade. O que não se pode, pelo simples fato de estar a escola obrigada a possibilitar a execução do projeto, é pensar no mais fácil. Como já dissemos, existem "projetos" e projetos.

Mas nem tudo parece ser preocupação. A importância dos projetos experimentais foi ressaltada pelos próprios alunos, conforme conclusão tirada em projeto executado por equipe do 4º ano matutino da PUCCAMP:

"O desenvolvimento do Projeto Experimental foi encarado por todos os membros da equipe como altamente positivo. A análise séria e criteriosa sobre todas as fases do projeto apontou um saldo favorável na medida em que a iniciativa pioneira e, portanto, sujeita a falhas e a exigir pequenos aperfeiçoamentos, deu a todos os alunos a oportunidade de desenvolver um trabalho essencialmente prático, colocando o formando perante a realidade desnuda que, como profissional, irá encontrar ao deixar a Universidade.

A prática — que os mais elogiados e experimentados profissionais do jornalismo apregoam como sendo a maior professora da arte — é absolutamente necessária e, como tal, deve ser encarada de frente pelo alunado e pelos próprios homens que comandam o ensino. Assim o foi no desenvolvimento deste projeto, missão na qual nós, alunos, nos defrontamos com dificuldades de vários níveis que só nos auxiliaram a galgar os degraus do aprendizado.

O Projeto Experimental coloca o aluno em "xeque" porque lhe oferece a oportunidade e, ao mesmo tempo, exige dele um produto final pelo qual será avaliado; porque na necessidade de desenvolvimento o aluno é cobrado sobre seus conhecimentos adquiridos em quatro anos de curso, sendo paralelamente, forçado a liberar sua criatividade. Foi para

nós alunos, um desafio e para os professores, com certeza, uma incógnita, por seu próprio ineditismo.

Se transformou-nos em co-baias — e alguém sempre tem que sê-las — o Projeto Experimental contribuiu decisivamente para o engrandecimento de nosso cabedal de conhecimentos acadêmicos e, só por isso, já provocou suavidade. O desenvolvimento do projeto possibilitou também, um contato mais íntimo dos componentes da equipe com o jornalismo empresarial, em particular, chegando mesmo a despertar em muitos o interesse em prosseguir profissionalmente por este ramo.

Pudemos, através dele, viver situações e analisar reações que certamente só nos seriam colocadas no futuro, quando realmente exercendo a profissão que escolhemos. O que para muitos seria “um simples jornal de empresa”, muito significou para nós formandos. Pudemos viver ainda que em pequena escala, o jornalismo real e sentir na pele a revolta da matéria censurada, as dificuldades pela limitação de verba, os contrastes entre a ideologia do jornalista e do empresário e uma série de situações que só mesmo a prática poderia ter-nos oferecido.

Por fim ficou a satisfação, o gozo íntimo de cada um em ter conseguido superar todos os obstáculos, saltar as barreiras que antes se impunham como in-

transponíveis, vencer o fator tempo e, afinal, apresentar acabado o produto do Projeto Experimental que — acreditamos — tem suas qualidades e deve ser sempre aperfeiçoado para atingir seus objetivos”.

Seria ilógico pensar que estes estudantes só chegaram a esta conclusão por puro interesse em obtenção de nota ou aprovação. Não queremos ser assim tão pessimistas. Acreditamos nestas palavras. O alunado pode conseguir muito se todos, escola, professores e os próprios alunos se dispuserem a levar a sério tal tarefa. Com disposição e interesse dos estabelecimentos de ensino em ver um curso de jornalismo formador de verdadeiros jornalistas e o conseqüente cumprimento obrigatório do dispositivo do MEC; com profissionais de jornalismo no comando das disciplinas que lhes são atribuídas pelo mesmo dispositivo do Ministério de Educação e Cultura; e, com estudantes conscientes do curso que escolheram e da profissão que buscam, sem dúvida alguma haveremos de fazer dos projetos experimentais um campo promissor para novas descobertas. Um campo que possa colaborar sobremaneira com o desenvolvimento e com o progresso da comunicação e do jornalismo brasileiro.

**Gilberto Gonçalves**

( Professor do IAC/PUCCAMP ).